

A relíquia craô embarça USP

190

MARION FRANK

Canta aquela música que índio quer apito. Mentira de carnaval. Hoje, índio quer muito mais — como, por exemplo, uma machadinha de pedra polida e com forma de meia-lua conhecida por *Kyire*. Quer tanto que está causando, há mais de dez dias, um verdadeiro caso de polícia em plena Universidade de São Paulo e que tem na pele de mocinho e de bandido — segundo a ótica do leitor — a tribo Craô, o Museu Paulista, antropólogos de vários matizes, o reitor da USP, José Goldemberg e, é claro, a tal da machadinha.

Tudo começou em 1947, próximo a Pedro Afonso, Norte de Goiás. Por alguma razão desconhecida, a *Kyire*, sagrada machadinha utilizada em todos os rituais dos Craôs, fora vendida por um membro da tribo a um comerciante local em troca de duas espingardas. De passagem pela região, o antropólogo alemão Harold Schultz, autor de vários trabalhos de etnografia à Universidade de São Paulo, deu-se conta da importância do objeto e comprou-o, mais uma vez, para mandá-lo diretamente ao acervo do Museu Paulista, mais conhecido como Museu Ipiranga, em São Paulo.

Seria um final até mesmo feliz para outra triste história do comércio feito com a cultura material de nações primitivas se não fosse a reação angustiada dos Craôs. É o próprio cacique Pedro Penô, 72 anos, quem revela a dimensão do problema desde essa época: "Quando a aldeia descobriu que a *Kyire* tinha sido vendida, ficou triste, sem vida; ela é a nossa maior fonte de alegria". Explica-se: os Craôs, originários do tronco lingüístico Gê e do grupo étnico Timbira, são índios com a tradição de comemorar os 365 dias de cada ano. Motivos não lhes faltam: a razão pode estar nos "ritos de passagem" como nascimento, casamento e morte; ou em atividades econômicas como o plantio do arroz e a colheita da mandioca; ou mesmo em simples fatos do cotidiano. O que lhes falta, entretanto, é a tal da machadinha — sem ela, os Craôs deixaram de cantar os seus ritos. E as festas terminaram, a ponto de os mais jovens — como os cinco filhos de Pedro Penô — não terem a menor idéia de como seria a *Kyire* e suas canções. Por isso, Pedro, cacique desde os 15 anos de uma nação de quase mil homens, comandou uma procura ansiosa atrás do objeto de maior valor simbólico para o seu povo. E foi descobri-lo, talvez atraído pelo poderes "mágicos" emanados pela *Kyire*, numa das vitrines em exposição no Museu Paulista em 1982. Finalmente, no último 18 de abril, nove Craôs tomaram coragem e foram bater às portas do museu em nome do que é seu.

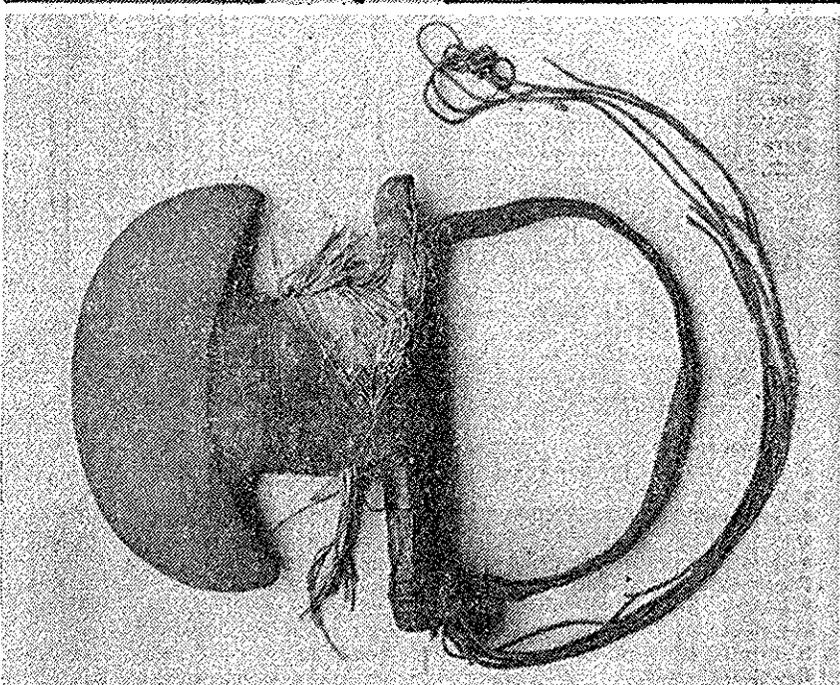
Daf para frente é uma outra história — e que vai ficando, a cada dia, mais complicada. Apesar da primeira reação positiva do diretor do Museu Paulista, Orlando Marques de Paiva, uma reunião do Conselho de

Administração do Museu termina com a decisão de impedir a devolução da machadinha aos craôs, influenciado pela opinião do antropólogo Egon Schaden, para quem o interesse atual demonstrado pelos índios à *Kyire* é "estranho" e até de "comercial". Em segunda, os craôs foram pedir ajuda à comunidade universitária de São Paulo. E com esse gesto aparentemente tão simples só conseguiram provocar uma seqüência de reuniões e documentos, onde até mesmo a função de um museu passou a ser questionada: "Se a moda pega, é o fim do museu", confessa Eunice Ribeiro Durham, chefe do Departamento de Ciências Sociais da USP, extremamente preocupada em abrir um precedente com a devolução da *Kyire* que poderá servir de exemplo para a reivindicação de outros objetos guardados em museus, a qualquer indivíduo. Já a sua colega de faculdade, a antropóloga Dominique Gallois, vai muito mais longe: "Porque vamos guardar um objeto tão importante para a cultura Craô, se o museu não existe nem para o próprio povo brasileiro?"

Mas é o próprio reitor da USP, José Goldemberg, quem melhor reflete o estado de ânimo criado pela machadinha Craô. Ansioso com a série ininterrupta de problemas que surgem em seu dia-a-dia, "... agora, além dessas radiações atômicas, só me faltava mesmo a história da machadinha!" — mas, declarando-se bem impressionado com a "autenticidade" do cacique Pedro Penô — que já foi procurá-lo, pessoalmente, em nome da Causa Craô —, Goldemberg admite um grande receio: "Eu não tenho autoridade para devolver, sozinho, a *Kyire* aos índios, pois hoje ela é patrimônio da Universidade. Só tenho medo que ela acabe voltando para a tribo e de lá, para algum museu da Europa".

Enquanto o Conselho Técnico Administrativo da USP não se reúne para tomar uma decisão final sobre a questão, o que deverá acontecer até o final de maio, a proposta apresentada por Eunice Ribeiro Durham e os antropólogos da USP ganha admiradores: dar a guarda e o uso da verdadeira *Kyire* aos índios ao passo que uma réplica da mesma permaneceria no Museu Paulista; assim como o direito de sua propriedade.

Aprensivos com tanta discussão, os oito Craôs e seu cacique Pedro Penô não pensam, no entanto, em tomar atitudes radicais: "Não viemos para pegar santo de Igreja de branco, viemos numa missão de paz", garante Pedro, ajoelhando os óculos bifocais, os longos cabelos grisalhos e demonstrando um ar de resignação. Bem próximo, o índio Craô Alberto Hapyhi, 32 anos, tinha uma idéia mais imediata para resolver o seu problema: "Se essa gente não devolver a *Kyire*, sou capaz de vir morar em São Paulo só para vê-la, todos os dias, no museu". Ele não tinha dúvida: "Os brancos já perceberam a força que a *Kyire* tem".



Fotos Juvenal Pereira

O cacique Pedro Penô quer a machadinha de volta